



O MESTRE DO FOGO

Cidadela do Fogo, região central do Primeiro Céu.

Ajoelhado no chão de mármore, envolto pelos vapores ferventes do templo colossal, o arcanjo Gabriel meditava. A expressão era serena, tranqüila, harmônica, como o orvalho da manhã que escorre pela superfície das plantas, ao encontro dos primeiros raios de sol. Tinha longos cabelos cor de mel, atados em uma trança comprida. O corpo magro, porém musculoso, estava coberto por uma belíssima armadura de ouro, com placas que protegiam não só o tronco, mas também as pernas e os braços. Lindas ombreiras suportavam uma capa alva, dividida em duas para não prejudicar o movimento das asas. E diante dele, a um palmo de distância, descansava a Flagelo de Fogo, a sua espada flamejante que, no passado, servira para expulsar Lúcifer e seus seguidores da Morada Divina.

O Templo da Harmonia era um salão gigantesco, todo trabalhado em pedra branca, e sustentado por grossas colunas, semelhantes ao pilares coríntios, mas medindo 100 metros de altura. O chão, em toda a sua amplitude, fora preenchido com água fervente, à exceção de uma ponte rígida e estreita que levava a uma plataforma bem no fundo da câmara, onde Gabriel meditava. O líquido puro evaporava, inundando o lugar com brumas quentes e confortantes, de aroma agradável e revigorante. A névoa confundia a visibilidade, mas a escuridão era afastada por labaredas que brotavam da água, ajudando a aquecer o ambiente, e pelos feixes de luz que entravam por aberturas no teto.

O templo era a principal construção da Cidadela do Fogo, cerne político do Primeiro Céu. Essa é a morada dos Ishim, a casta de anjos que controla os quatro elementos da natureza. A cidadela ficava na boca do maior dos vulcões do Paraíso, o Netúnia. Quatro grandes correntes, presas por ganchos às paredes do vulcão, suportavam um bloco pesadíssimo de pedra, sobre o qual fora moldada a cidade-fortaleza. Poucos metros abaixo, a lava destruidora borbulhava. Agentes leais a Gabriel patrulhavam as redondezas, alertas a qualquer invasor ou espião, fosse ele anjo ou demônio. Em um passado distante, a Cidadela do Fogo fora governada por Amael, o Senhor dos Vulcões, mas esse se aliou a Lúcifer, e foi expulso do Céu, deixando as rédeas do poder nas mãos de seu pupilo: Azriel, a Chama Sagrada. Mais tarde, quando a unidade dos arcanjos começou a ruir, e as divergências políticas cresceram, Azriel cedeu o Templo da Harmonia a Gabriel, e deu abrigo aos seus anjos, que não mais desejavam permanecer no Quinto Céu, próximos à opressão tirânica de São Miguel.

O Paraíso é uma dimensão única, um cosmo particular, e está dividido em sete camadas. A primeira delas, chamada de *Vilon*, é o lar dos Ishim, e contém celeiros de neve e granizo, reservatórios de orvalho e chuvas, câmaras de tempestades e cavernas de nevoeiro. A camada guarda, em si, quatro reinos, controlados por anjos poderosos. Cada reino é regido por uma província elemental, e em seu centro, como uma imponente capital, encontram-se construções magnânimas – a Cidadela do Fogo, capital da Província do Fogo; o Templo do Trovão, capital da Província do Ar; o Castelo das Ondas, na Província da Água; e o Palácio de Areia, núcleo da Província da Terra. Foi de Vilon que partiram as hecatombes de antigamente, como o Dilúvio e a Grande Tempestade de Gelo, que marcou o início da última Era Glacial.

No Segundo Céu, *Raqui'a*, reina a completa escuridão sobre os criminosos ali acorrentados à espera do Juízo Final. Esse Céu contém a Gehenna, e seu reservatório de trevas. Nesse local, os maus são punidos e os anjos da casta dos Hashmallim os torturam. Por milhares de gerações, antes da Queda de Lúcifer, a Gehenna fora governada pelo próprio Arcanjo Sombrio. Nessa época remota, era para lá que seguiam as almas dos homens perversos, daqueles que viveram na corrupção e precisavam pagar por seus pecados. Após a guerra contra Miguel, e a condenação da Estrela da Manhã e de seus servidores, a camada deixou de ser um calabouço de mortos, e tornou-se um Purgatório, um lugar de julgamento. Se forem julgadas inocentes, essas almas podem seguir viagem rumo ao Terceiro Céu, e gozar das maravilhas do Éden, mas se forem declaradas culpadas são atiradas ao Poço Profundo, aos domínios do Diabo no Inferno. Assim, o Céu fica livre dos espíritos corrompidos, e o Sheol recebe com prazer os novos visitantes. Em Raqui'a também está fixado o Cárcere do Medo, uma prisão destinada aos anjos foras-da-lei e aos demônios mais perigosos. Três dos anjos renegados, capturados com vida, foram trazidos para cá, para serem posteriormente assassinados, sob tortura.

No Terceiro Céu, *Shehaquim*, localiza-se o Éden, uma terra cheia de maravilhosas árvores frutíferas, colinas, montanhas, vales, planícies e florestas de magnífica beleza, onde reina a completa harmonia. Esse é o destino final dos justos que viveram em nome da honra e da bondade. Inúmeras colônias espirituais – verdadeiras cidades onde impera a lei da caridade – estão espalhadas por todo o Éden. Elas são guiadas por almas evoluídas, como os espíritos dos santos, mártires e profetas. O Jardim do Éden terreno recebeu este nome devido à sua incrível semelhança com o seu equivalente celestial. Shehaquim é a última camada permitida aos desencarnados, aos humanos já mortos.

O Quarto Céu, *Zebul*, é o Céu intermediário, a camada que divide o Paraíso. Dali para cima habitam os anjos e os arcanjos, e por isso Zebul está defendida por dezenas de fortalezas, patrulhadas pelos Querubins. Esses fortes têm por objetivo bloquear qualquer invasão, garantir a integridade da morada dos alados, e salvaguardar o trono de Deus.

Logo acima desse, o Quinto Céu, *Ma'on*, abriga o Palácio Celestial, onde o Conselho dos Arcanjos toma suas decisões, assistido pela Assembléia dos Arautos – poderosos anjos que representam suas castas junto aos Gigantes. Atualmente, contudo, Miguel isolou-se de tal forma que a solidez do conselho se tornou uma farsa.

O Sexto Céu é chamado de *Machon*. Aqui fica a Casa da Glória, a grande biblioteca onde os Malakim observavam e estudavam os feitos da humanidade. É um lugar grandioso, de luz e sabedoria, onde o príncipe da ordem, Raziel, comandou por milênios os seus discípulos. Em Machon havia ainda a Bancada da Paz, onde 300 anjos cantavam louvores ao Altíssimo. Agora, todavia, a biblioteca está vazia, e a bancada em silêncio. Há pelos menos 10 gerações, a casta dos Malakim, insatisfeita com a política celeste, abandonou o Sexto Céu, desaparecendo para sempre do cenário divino.

Por fim, no Sétimo Céu, *Aravot*, o próprio Deus descansa no topo de Tsafon, o Monte da Congregação. Apenas aos arcanjos é concedida a dádiva de visitar essa camada de luz.

Gabriel, com as mãos pousadas sobre os joelhos e os olhos fechados, respirou fundo, deixando que o vapor quente do templo deslizasse por suas narinas. Relaxou, buscando sentir o universo, procurando tocar a imensidão do cosmo com sua aura pulsante. Na concentração, ele sentiu uma presença – alguém estava a penetrar no salão. Ergueu as pálpebras, revelando seus sublimes olhos castanhos. Tranqüilo, observou o visitante a caminhar pela ponte de mármore, sobre a água fervente. Era o Ishim Aziel, a Chama Sagrada, que viera atender ao seu chamado. Pisava com leveza na pedra, quase não deixando escapar qualquer som. Vestia uma túnica

delicada, de seda e algodão, e revelava uma longa cabeleira preta, que alcançava a linha da cintura. A pele era tão branca quanto suas asas, e os olhos negros como a noite profunda.

Aziel ajoelhou-se na ponte, diante de seu patrono, não ousando invadir a plataforma onde o arcanjo se acomodara. A Flagelo de Fogo interpunha-se entre eles, desembainhada, com sua lâmina a crepitar, pronta para decepar qualquer invasor desagradável.

— Venho atender ao seu comando, Mestre do Fogo – esse era o principal título do arcanjo Gabriel, famoso por seu domínio sobre os elementos – Em que posso ajudá-lo?

— Ablon ainda está vivo – disse o Gigante, direto.

— Sim. Eu captei as emanções de sua aura pulsante.

O Mestre do Fogo respirou a névoa escaldante, e encarou seu subordinado.

— O Anjo Renegado ocultou a sua presença por incontáveis séculos, provavelmente para impedir que os agentes de Miguel o encontrassem. Mas agora, subitamente, ele expandiu novamente a aura que guarda em seu coração. E a sua energia é tão forte que foi sentida até mesmo aqui, no Primeiro Céu.

Aziel abaixou a cabeça, em dúvida.

— Eu não compreendo, mestre. Por que ele faria isso? Logo agora que o Sétimo Selo foi rompido e a Roda do Tempo está pronta a findar o seu ciclo... Imaginei que ele fosse esperar pelo Juízo Final, para só então executar sua vingança.

— Eu diria que é um chamado – respondeu Gabriel, conclusivo – Ablon está pedindo o nosso auxílio. E nós também precisamos da ajuda dele.

— Mas é provável que ele nem saiba que existamos. Como poderia saber que nos separamos de Miguel e montamos um exército próprio? – argumentou o Ishim – Ablon é um fugitivo e, vagando escondido na Terra, não teria como assistir aos nossos progressos.

— Isso é correto, Aziel. De fato, talvez nem o próprio general saiba que as suas idéias dividiram o Céu, e lançaram as sementes para o estalo de uma guerra civil entre nós e o Príncipe dos Anjos. Mas, apesar de tudo, eu estou certo de que ele ainda confia que há anjos leais à sua causa. É para eles que o Querubim expande a sua aura. É com eles que conta. É por isso que temos o dever e a felicidade de irmos ao seu encontro. Como ele foi renegado e impedido de retornar ao Paraíso, não podíamos antes trazê-lo para o nosso lado. Mas agora estamos perto do Fim. O Apocalipse já começou e o Tecido da Realidade está se dissolvendo. Estivemos tentando localizá-lo durante muito tempo. Finalmente, a nossa busca terminou.

Ao dizer isso, o arcanjo, pensativo, fez um minuto de silêncio. Depois, pegou a Flagelo de Fogo, e ficou um longo tempo a olhar para sua folha ardente, como se estivesse invocando fortes lembranças de um passado distante. Assim como Ablon, Gabriel também temia esquecer – esquecer-se das situações pelas quais passou e, principalmente, das coisas que aprendeu. A espada estava ali, como testemunha, para ajudá-lo a se recordar das falhas antigas e obrigá-lo a não voltar a cometer os erros de outrora.

Aziel aguardou pacientemente até o seu mestre retomar o pronunciamento.

— Envie as nossas tropas para o Plano Etéreo e as posicione próximas à Fortaleza de Sion, bastião das forças inimigas – ordenou o arcanjo – Ao que tudo indica, a batalha final entre os anjos será mesmo travada na Terra, ainda que não no Plano Físico, mas no Mundo Espiritual. Ao fim da ofensiva, contudo, o Tecido não mais existirá, e os dois mundos serão um só. Quem vencer esta guerra garantirá a soberania sobre a Haled.

— Os nossos espões reportaram que um anjo misterioso, de asas negras, que serve diretamente a Miguel, trouxe uma humana para Sion, provavelmente uma feiticeira – acrescentou o Ishim.

— Talvez seja Shamira, a Feiticeira de En-Dor. Soube que Ablon a salvou da morte na Babilônia. Se for mesmo ela, então tudo se encaixa. Ablon quer a nossa ajuda para libertá-la.

— Mas por que Miguel raptaria uma humana?

— É difícil prever as intenções de meu irmão. Eu sou um arcanjo, Aziel, mas nem mesmo *eu* sei tudo. Na verdade, sei muito menos do que pensava saber. Mas a única coisa que um terreno tem que os anjos não possuem é a alma. Talvez o tirano queira utilizar-se da força vital da feiticeira para alguma finalidade abominável. Ou talvez esteja apenas pressionando Ablon para não tomar parte na guerra.

Gabriel devaneou por mais um curto instante, e depois completou, enérgico:

— Tu deves executar as manobras militares e depois entregar o comando a Baturiel, o Honrado. Em seguida vá ao encontro do Anjo Renegado, e o leve ao acampamento de nossas tropas. Soube que foram bons amigos no passado. Ademais, tu te recusaste a auxiliar teu antigo mestre, Amael, a levar adiante a obra do Dilúvio. Por isso és um dos poucos a quem o guerreiro admira – fez uma pausa, mas logo prosseguiu – Há um portal para o Etéreo na Montanha Horeb, através do qual o general poderá passar, mesmo estando preso à sua carcaça física. Eu os estarei aguardando. Sieme dos Serafins te acompanhará nesta jornada.

Aziel desagradou-se, mas não demonstrou. O problema não era a missão, em absoluto, mas a companhia. Não tinha nada em particular contra Sieme, mas a postura fria e calculista dos Serafins o irritava às vezes. Isso não quer dizer que fossem anjos maléficos ou arrogantes; eram apenas autoconfiantes demais. Mas não os culpava. Como poderia? Essa era a natureza deles. Os Serafins são políticos, diplomatas e conselheiros; para isso foram concebidos. É natural que gostassem de comandar, e tivessem um sério problema em receber ordens ou em aceitar opiniões divergentes. Estavam sempre tentando convencer os outros de seus próprios pontos de vista, e eram irredutíveis. E esse era o tipo da coisa que Aziel detestava. Seja como for, Gabriel tinha uma boa razão para enviar Sieme. A mulher-anjo guardava o título de Mestre da Mente, devido a sua incrível habilidade em manipular a memória. O arcanjo, seguramente, previra a sua utilidade, e era por isso que estava a convocá-la. Aziel, a Chama Sagrada, não se oporia.

— O Anjo Renegado é o elemento que faltava ao nosso teatro de operações, Aziel – explicou o Mestre do Fogo – Só ele poderá liderar o nosso exército no Armagedon.

— Sim, mestre – respondeu o Ishim, recurvando-se em sinal de respeito. Logo, ao perceber que seu líder tinha concluído o discurso, virou-se respeitosamente e deixou o Tempo da Harmonia.

Gabriel observou a Chama Sagrada sair. Pousou a Flagelo de Fogo novamente à sua frente, pôs as mãos sobre os joelhos, fechou os olhos e voltou a meditar. Antes de mergulhar no transe místico, porém, disse para si mesmo, com a voz sossegada:

— Enfim, tu poderás lutar por teu ideal, general. A tua revolta não foi em vão.

E retornou à harmonia do cosmo.